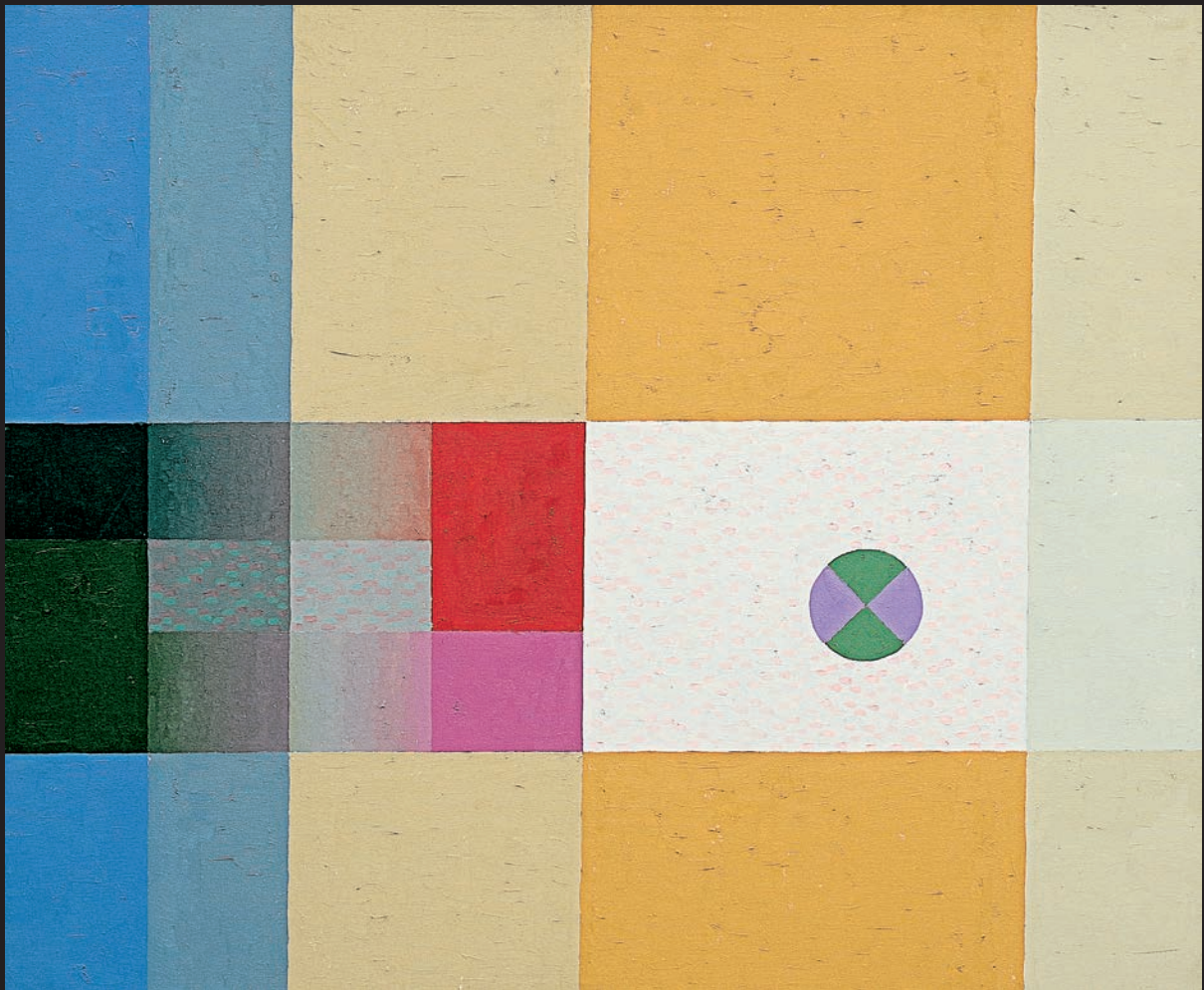


memória CULT

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano IV - nº11 - setembro de 2014



Tarquínio J. B. de Oliveira:
no século XX a memória do século XVIII



Joaquina do Pompéu e Dr. José Franklin de Massena,
personagens dos séculos XVIII e XIX



ENTREVISTA:
Dom Walmor mostra sua Catedral

 arremate.com
Portal de ARTe

www.iarremate.com



Editorial

É com satisfação que entregamos mais um número da Revista Memória CULT, sempre avançando na permanente premissa de reportar e preservar a memória cultural e histórica de Minas e de todos os mineiros. Por isso destacamos a proximidade do centenário de Tarquínio José Barboza de Oliveira, que sempre se identificava como Tarquínio J. B. de Oliveira, esse paulista que tanto fez pela nossa história e que se tornou referência para toda uma geração, deixando seu nome escrito em biblioteca de Ouro Preto, dentro do coração de uma legião de admiradores nessas Minas Gerais e, sobretudo, no singular resgate da história econômica do Ciclo do Ouro das Minas Gerais.

Se preservamos a memória, também destacamos os avanços de nosso tempo, como indica a entrevista de Dom Walmor Oliveira de Azevedo, versando acerca da construção da Catedral do Cristo Rei, no epicentro da Diocese de Belo Horizonte, com irradiação para toda Minas Gerais e Brasil. Aqui divulgamos também o Caminho Religioso da Estrada Real, o CRER, ligando a padroeira de Minas Gerais, Nossa Senhora da Piedade, à padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, São Paulo. Esse caminho, interligado à Estrada Real, já é o nosso Caminho de Santiago de Compostela, e será referência mundial, em razão de seu patrimônio cultural, histórico, religioso e natural, bem no coração do Brasil.

Mergulhando na história de Minas, encontramos aqui o legado de Dona Joaquina de Pompéu, em destacado artigo, do juiz Bruno Terra Dias, bem como do desbravador das montanhas do Sul, José Franklin de Massena, como bem destaca Marcos Paulo de Souza Miranda, e externamos nossa eterna saudade ao grande escritor e amigo, Marco Aurélio Baggio, que tanto contribuiu com sua mente privilegiada para a existência desta revista, nos brindando sempre com belos, lúcidos e embasados textos. Recentemente ele foi homenageado no IHG-MG, quando foi saudado pelo acadêmico José Carlos Serufo.

Aqui fazemos ainda um passeio pelo universo musical do artista mineiro Zé Teixeira e nos adentramos ao Pen Clube, a casa dos escritores brasileiros. Ficamos também a par da primeira falsa perícia no Brasil, em texto de Christobaldo Motta de Almeida.

É com esmero que trabalhamos para que cada número da Memória CULT saia com conteúdo uno e diversificado, mantendo assim a boa e velha chama acesa, essa que aquece nossos corações e nossas mentes, com aquilo que já não se perde mais.

Uma boa leitura a todos,



Eugênio Ferraz

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, é o Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



Foto: divulgação/farquidocesbh.org.br

O Santuário e seus “entornos”



9

Tarquínio J. B. de Oliveira

por Ronaldo Toffolo

13



04 Página do Artista

José Maria Dias da Cruz

05 Entrevista: Dom Walmor O. de Azevedo

por Petrônio Souza Gonçalves

21 Dr. José Franklin de Massena

por Marcos Paulo de Souza Miranda

24 A primeira falsa perícia no Brasil

por Christobaldo Motta de Almeida

25 Zé Teixeira

Artista da hora

26 Joaquina do Pompéu

por Bruno Terra Dias

29 Marco A. Baggio - homenagem póstuma

por Fábio P. Doyle

31 Pen Clube, do Brasil

por Rogério Tavares



Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista:

memoriacult@gmail.com

A Memória CULT poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Prezado Editor,

Este é apenas para registrar minha admiração pelas publicações da Revista Memória CULT, que recebo regularmente aqui na cidade de Ferros, terra do saudoso Roberto Drummond. Informo que está sendo um deleite ler as boas matérias e me aprofundar ainda mais na história de Minas e do Brasil.

**Recebo o meu modesto elogio, cordialmente,
Cyro Gonçalves – jornalista**

Prezado editor Eugênio Ferraz, é com satisfação que recebo e leio o último número da excelente revista Memória CULT, que tão bem zela pela história de Minas e por nossa herança cultural e histórica. Registro que se meu avô estivesse vivo, o eterno Lima Júnior, seria ele leitor contumaz de sua Memória CULT. Leitor e colaborador, pois preservar a memória e a história de Minas foi o seu ofício maior, em sua proveitosa vida de estudos e pesquisas sobre este Estado que está cravado no coração do Brasil.

**Com meus votos de vida longa à Memória CULT,
Aristóteles Drummond, jornalista e escritor**



ÚLTIMA EDIÇÃO

Em sua edição número 10, a Revista Memória CULT, entre outros assuntos, trouxe o primeiro veículo movido a álcool no mundo, *made in Brasil*

EXPEDIENTE **memória** CULT

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano IV - nº11 - agosto de 2014

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

Editor | Petrônio Souza - Reg.: 07.124-MG

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

Foto do quadro da capa | acervo do artista

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



José Maria Dias da Cruz

Nascido no Rio de Janeiro em 1935, é filho do escritor e intelectual Marques Rebello, de quem recebeu grande influência e apoio. José Maria Dias da Cruz iniciou suas atividades artísticas em Santa Catarina, com apenas 12 anos de idade, quando participou de sua primeira exposição, na coletiva que deu origem ao primeiro Museu de Arte Moderna do Brasil, no ano 1948. Fundado por seu pai, que foi, sem dúvida, um dos maiores, incentivadores das artes plásticas no país na década de 40 e 50.

José Maria Dias da Cruz obteve orientações de Thomás Santa Rosa e através de uma bolsa oferecida pelo Itamarati e o governo francês foi morar em Paris, onde recebeu orientação de Emílio Pietrotti, em pintura, e de gravura com o fotógrafo e artista Lee Friedlander. Além dos professores que o orientaram, conviveu com Pancetti, Milton Dacosta, Iberê Camargo, Di Cavalcanti entre outros mestres que frequentavam a casa de seu pai.

Considerado um dos maiores estudiosos de cor, José Maria criou teorias nunca antes apontados na História da Arte. A imensa carga teórica e intelectual com a qual manuseia tintas e pincéis deram origem a três publicações e mais de três décadas lecionando nas mais respeitadas escolas de artes do Brasil. Por sua sala de aula passaram gerações de artistas, como Carlos Bevilacqua, BobN, entre outros. Com Gonçalo Ivo, que o procurava para uma orientação, mantém intensa amizade e hoje ele é o seu maior colecionador, com mais de 150 obras. Entre seus interlocutores cita-se principalmente Luiz Camillo Osório, Milton Machado, Guilherme Bueno e Ricardo Simões. Recentemente a artista Beatriz Milhazes declarou em entrevista a Revista Vogue que José Maria Dias da Cruz é o artista que mais investiga a percepção das cores no Brasil.

Com mais de 60 anos de pintura, o artista possui obra nos principais acervo públicos do país, tais como MAC Niterói; MAR Rio de Janeiro; MASC Florianópolis; MAM São Paulo; e em importantes coleções como Luis Chrisóstomo, Gilberto Chateaubriand e João Satamini.

O artista inicia até o final de 2014 o projeto de catalogação de obra.

Atualmente vive e trabalha em Florianópolis, Santa Catarina.

É artista contratado da TNT Arte Galeria



Fotos: acervo pessoal





A fé que move o coração dos homens

Petrônio Souza Gonçalves*

Foto: Renato Coelho



*Dom Walmor
Oliveira de Azevedo:
“genuinamente
baiano,
autenticamente
mineiro”*

As grandes obras são construídas no tempo. Para Dom Walmor, suas grandes obras se somam no tempo, construindo fora de nós o grande templo que abrigará na capital mineira a fé e o amor dos homens.

Já se passaram 10 anos, desde que o baiano de Cocos está entre nós como o arcebispo metropolitano de Belo Horizonte. Com ar sereno e voz tranquila, bem ao gosto dos mineiros, Dom Walmor se destaca à frente do arcebispado metropolitano pelas obras e iniciativas que vão além da religiosidade, permeando

também a cultura, a arte, o turismo e o amor devocional às coisas do céu, essas que nos levam além.

Sobre a sua antiga relação de amor natural pelo Estado que o acolheu de braços abertos no distante ano de 1970, quando veio do sudoeste da Bahia, da cidade de Cocos, já no seminário, e foi estudar em Juiz de Fora o curso de humanidades, que correspondia, na época, ao Segundo Grau. Assim iniciou sua peregrinação por Minas e pelos estudos, não retornando mais ao estado natal até se tornar bispo, em 1998. Após o bispado, ficou por seis

anos na Bahia, como bispo auxiliar, em Salvador. Só então veio para Belo Horizonte, depois de muitos sertões e veredas, trazendo sempre a alma sertaneja, o coração caipira, gerado no final das gerais, no encontro do cerrado com a caatinga. Lá, o cerrado ensina um jeito de ser, de sentir, de viver e pensar o mundo, um jeito de árvore que descasca mas fica; enverga mas não quebra; e dá sombra, frutos e sementes que são levadas pelos ventos por todo o planeta, e vão nascer e florescer nos corações dos homens, alimentando a fé dos povos.

*“...foi nas
catedrais da
idade média o
nascimento da
universidade e
do conceito da
universidade.”*

Ao iniciar seu ministério pastoral como primeiro servidor na Arquidiocese de Belo Horizonte, se surpreendeu com a informação de que a capital de todos os mineiros ainda não possuía a sua catedral, sua igreja mãe de toda diocese, como entidade centralizadora e difusora de suas ações e campanhas.

Ao constatar a ausência de uma catedral, se conteve em meditação, e por dias ficou a gestar todas as dúvidas que havia em torno da não edificação do monumento, quando ouviu a ponderação de um sacerdote que “construir uma catedral para abrigar apenas os grandes eventos e celebrações maiores, como são utilizados os grandes ginásios e espaços, não é tão primordial para nossa arquidiocese”.

Foi aí que despertou dentro de Dom Walmor a centelha que já estava sendo cultivada, quando ele vislumbrou a catedral voltada para sua missão originária, de ser a igreja mãe como o grande centro de congregação e irradiação da espiritualidade cristã católica, lugar para que as pessoas possam apreender, experimentar e vivenciar o evangelho, levando sempre a pedra fundamental de toda catedral, seu sentido mais genuíno, de ser o lugar da arte, da cultura, do cuidado social, da experiência cristã de igualdade entre todas as pessoas. Dom Walmor lembra que foi nas catedrais da idade média o nascimento da universidade e do conceito da universidade.

Desde então essa visão passou a acompanhar o pensamento e as orações de Dom Walmor: a construção de um grande templo do anúncio do evangelho, do acolhimento aos pobres, da educação, da cultura, do pensamento. Para isso tudo Dom Walmor imaginava que esse templo deveria ser erguido no epicentro da região metropolitana, irmanando ainda mais as cidades que compõe a arquidiocese, estando sempre mais próximo das pessoas. Ele sonhava que a região próxima da Estação Vilarinho era esse local, central entre as cidades que compõem o cinturão metropolitano, tornando o acesso mais rápido e fácil para todos os municípios ao seu entorno. Lembra ele que antes mesmo de tomar qualquer iniciativa para aquisição do terreno sede da tão sonhada catedral, era o mês de novembro de 2005, pedia que Deus o guiasse para uma escolha certa e tranqüila. E foi assim que tudo aconteceu.

Dom Walmor sonhava mais; imaginou uma nova região para abrigar a catedral, que contivesse o novo, que representasse algo que estava nascendo, sendo construído, com a participação de todos. Neste mesmo sentido, pensou em uma igreja moderna, de traços ousados, levando ao mundo uma mensagem não dita, mas sentida.

Como sinal de que estava certo, com o passar do tempo, ao redor do seu local imaginado, se



formou um novo centro urbano, com metrô, aeroporto, shopping center e até uma cidade administrativa, criando toda uma expansão no vetor norte da capital mineira.

Foi aí que pensou em Oscar Niemeyer para desenhar essa nova catedral, que passou assim a aglutinar a beleza dos traços geniais e modernos na realização de um antigo sonho dos mineiros.

Niemeyer fez o projeto, com sua beleza descomunal, quando disse a Dom Walmor ser aquele seu projeto mais completo arquitetonicamente. Oscar disse ainda que conseguiu reuniu ali tudo aquilo que uma grande obra deve ter em termos de beleza, de grandiosidade, de monumentalidade. Niemeyer disse mais, quase ao pé do ouvido: “Esse será o local mais visitado de Belo Horizonte”.

Como que já visitando a catedral construída e tão viva em seu olhar, é possível viajar por ela nas palavras de Dom Walmor, quando visualizamos a Praça das Famílias, quando ele diz ser “o local das celebrações, da espiritualidade, da arte, da cultura, da convivência, das crianças, dos jovens... Abaixo, o espaço do social e das instituições vinculadas à Arquidiocese de Belo Horizonte, trabalhando para fortalecer o que a Igreja já faz em todos esses âmbitos. Isso tudo somado a dez anos de trabalho, incluindo a relação com o Clero, de forma participativa, com manifestações públicas

de apoio a nossa catedral, sempre de mãos dadas com nossa sociedade, com o povo de Deus”.

Quanto à monumentalidade da obra de Oscar Niemeyer para o monumento, Dom Walmor vai fundo em sua visão teológica e nos dá sua leitura embasada, inspirada, fruto da fé e da sensibilidade humana. Quando perguntado sobre o significado do autor para a escultura da Catedral do Cristo Rei, ele responde que nunca abordou Niemeyer para uma explicação acerca da concepção da obra, mas esclarece que “a genialidade do autor explica sua obra não pela explicação que ela dá, mas pela força impactante que ela provoca na leitura que os outros dão à própria obra”. Dom Walmor lembra ainda que sempre as pessoas ao admirar a verdadeira escultura criada por Niemeyer como Catedral, dizem ver as mãos postas em oração. Isso talvez seja a síntese da grande obra, aquela que não está terminada e se reinventa naqueles que ela toca. Profundamente tocado por ela, Dom Walmor mira o infinito para nos dar explicações contidas no projeto que o autor não pensou. A Catedral do Cristo Rei é o último projeto de Oscar Neimeyer em construção no mundo e revela que o grande está presente no pequeno.

Me pego a admirar a parte superior da abóboda da maquete, tão grande e exata, e enxergo, humildemente, a Catedral preñe de fé e de homens.

“Niemeyer disse mais, quase ao pé do ouvido: ‘Esse será o local mais visitado de Belo Horizonte’.”





Dom Walmor recordar ainda que fez muitas sugestões ao projeto original de Niemeyer, quando ele aceitou a todas, gerando até um comentário aos que trabalhavam ao lado do grande arquiteto, de que poucas vezes ele aceitou tantas sugestões e intervenções em um projeto criado por ele. Dom Walmor destaca ainda que a Catedral abrigará um grande órgão, dando a dimensão e continuidade da tradição musical mineira, além de abrigar a Rede Catedral de Cultura, com seus museus, um belo auditório para 800 pessoas, espaço para projeções e salas de cinema, espaço para convivência, com cafés, livraria, galerias e espaço para exposições. Tudo isso com estacionamento, para receber fieis e turistas que para lá afluírem. Dom Walmor destaca que tudo isso está aos pés do Santuário da Serra da Piedade, de onde se pode vê-lo claramente, integrando a capital mineira a esses dois locais de visitação e peregrinação.

E o Arcebispo nos diz que sonha com a duplicação da BR 381 até o Santuário da Serra da Piedade, sendo toda ela iluminada. Neste mesmo sentido, sonhamos mais, acreditando na execução desse projeto e redimindo o trajeto até então conhecido como rodovia da morte, passando a se chamar de forma definitiva como Rodovia Nossa Senhora da Piedade, ou seja, a rodovia da vida.

Tudo isso se somaria ao projeto inicial da Estrada Real, integrando ao Caminho CRER - Caminho Religioso da Estrada Real, ligando a padroeira de Minas Gerais, Nossa Senhora da Piedade, à padroeira do Brasil, Aparecida, em São Paulo, entrelaçando e irmanando a história, a cultura, a educação, o turismo, a religiosidade e a fé. Nas palavras de Dom Walmor, esse seria o nosso Caminho de Santiago de Compostela, uma viagem pelo interior do país e para dentro de nós mesmo.

Apaixonado pela gastronomia mineira, Dom Walmor nos fala da culinária histórica, aquela dos primeiros anos, quando o Estado se dividia entre a casa grande, a senzala, o garimpo e as tropas. Dizendo ser Belo Horizonte a capital gastronômica mineira e brasileira, diz que na Serra da Piedade os restaurantes estão trabalhando dentro desse conceito do regaste da culinária mais genuína de Minas Gerais e do Brasil.

Quando recebeu o título de cidadão honorário de Minas Gerais, em maio de 2009, ele declarou em seu discurso na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, a casa do povo das Minas e das Gerais, e depois reproduziu a fala em texto para os jornais, em forma de agradecimento, com o sugestivo título de Carta aos Mineiros. Lá ele disse e gravou no coração do povo que sempre o amou: “Por todas estas razões estou convicto de que sou genuinamente baiano e autenticamente mineiro”.

***Jornalista**



Santuário Estadual de Nossa Senhora da Piedade

A casa dos mineiros, perto do céu!

Foto: Miguel Ângelo



A Arquidiocese de Belo Horizonte vem liderando, na última década, um grande movimento que reúne instituições diversas, autoridades, cidadãos e fiéis, para revitalizar e preservar um grande patrimônio de Minas Gerais: o Santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade



Com ações integradas, em diferentes frentes, busca-se o desenvolvimento econômico sustentável do Santuário e seu entorno, a partir da preservação ambiental, resgate de sua importância histórica e cultural. Acima de tudo, objetiva-se, especialmente, que cada mineiro possa redescobrir esse território sagrado, lugar de encontro com Deus, definido por dom João Resende Costa, o segundo arcebispo de Belo Horizonte, como “magnífica arquitetura divina”.

A paisagem fascinante emoldura o Santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade, localizado no município de Caeté, a 48 km de Belo Horizonte. Por sua magnitude e exuberância, o Santuário foi reconhecido, em 2012, como Atrativo Turístico de Especial Relevância pelo Governo de Minas Gerais. No mesmo ano, o Santuário também foi considerado hors-concours na eleição das sete maravilhas da Estrada Real, realizado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg).

O complexo arquitetônico, histórico, paisagístico e cultural do Santuário compreende, entre outros atrativos, a Ermida da Padroeira, a Igreja Nova das Romarias, a Casa dos Peregrinos Dom Silvério, o Espaço Dom João Resende Costa - Restaurante, o Espaço Padre Virgílio Resi - Ca-

feteria e Lanchonete, a biblioteca, a Via Sacra, o Calvário e a Capela São José.

Nos últimos cinco anos, todo esse complexo passou por um importante processo de revitalização. Nesse período, foram reestruturados e restaurados o Espaço Dom João Resende Costa - Restaurante, a Casa dos Peregrinos Dom Silvério e a Igreja Nova das Romarias. Houve ainda a instituição do Espaço Padre Virgílio Resi - Cafeteria e o Espaço Boas Lembranças. As vias de acesso ao Santuário também foram contempladas neste conjunto de iniciativas que integram o processo de revitalização, com a instalação do portal dos peregrinos e recapeamento das estradas.

Aqueles que frequentam o Santuário há muitos anos falam, com alegria, da grande transformação pela qual vem passando o Santuário nos últimos anos. É com grande admiração e orgulho que Dom Walmor fala do Santuário e das várias ações que ele vem tomando para dinamizar e divulgar o Santuário de forma nacional. Uma grande e inovadora iniciativa de Dom Walmor foi a consolidação do Caminho CRER, Caminho esse que liga a padroeira de Minas Gerais à padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora Aparecida, por um caminho histórico - pela Estrada Real - e pela fé.

O CRER - Caminho Religioso da Estrada Real

No segundo semestre de 2014, o Santuário ganhará um novo atrativo. Inspirado no caminho de Santiago de Compostela, feito por peregrinos entre cidades da França e Espanha, na Europa, será instituído pela Secretaria de Estado de Turismo o Caminho Religioso da Estrada Real (CRER). As trilhas vão unir o Santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade, que é a Padroeira de Minas Gerais, ao Santuário Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, em São Paulo. De acordo com os organizadores, o Brasil é o 3º país a enviar turistas ao Caminho de Santiago, ficando atrás somente de Espanha e França.

O CRER abrange 86 municípios, sendo 37 localidades na rota principal e 49 na área de abrangência. O trajeto sai de Aparecida (SP) com destino à Serra da Piedade (MG). O peregrino poderá percorrer as trilhas a pé, a cavalo ou de bicicleta. A ideia do projeto prevê que o peregrino receba uma credencial, uma espécie de passaporte, que será carimbada em pontos preestabelecidos nas diversas secretarias das paróquias de cidades que integram o CRER. Ao final do percurso, será expedido um certificado de conclusão do Caminho Religioso. O trajeto estimado é de 800 km de extensão.

O caminho de Santiago

Tiago é um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Ele foi martirizado e seu corpo foi trasladado para a Espanha. Pelos anos 800 d.C., um camponês seguiu uma chuva de estrelas e encontrou os restos mortais de Tiago. O túmulo tornou-se milagroso e as trilhas para se chegar a ele transformaram-se em um caminho sagrado. Compostela significa campo das estrelas.

Como tudo começou

Conta a tradição que entre os anos de 1765 e 1767, uma menina muda de nascimento teria sido abençoada com a aparição de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços. A menina muda, cuja família vivia no vilarejo da Penha, a 6 km do Santuário, começou a falar depois da aparição que teria acontecido no alto da Serra. Essa história cativou o fidalgo português Antônio da Silva Bracarena que, com o Irmão Lourenço, fundador do Santuário do Caraça, ergueu um rústico eremitério e uma capela em homenagem à Virgem Maria no topo da Serra. No templo, há a imagem de Nossa Senhora da Piedade, atribuída ao artista plástico Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho).

A 1745 metros acima do nível do mar, o Santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade permite aos peregrinos uma visão panorâmica de 360 graus. O Santuário é cercado por uma natureza generosa na Serra do Espinhaço. Do alto da montanha, em dias claros, é possível ter uma das mais belas paisagens das montanhas de Minas. Nesses dias, pode-se vislumbrar a Serra do Caraça, o Espelho d'água de Lagoa Santa, a cidade de Caeté com o pontilhão ferroviário e outros municípios da Grande Belo Horizonte.

A Serra da Piedade é uma Área de Proteção Ambiental (APA), tem tombamento federal, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e estadual, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha). Chefe do Departamento de Ciências Biológicas da PUC Minas, o professor Miguel Andrade

diz que a Serra do Espinhaço, cadeia de montanhas que abrange a Serra da Piedade, possui um complexo socioambiental único que reúne três grandes biomas: o cerrado, a mata atlântica e a caatinga. Devido à riqueza de paisagens e alta diversidade de espécies da flora, foi declarada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como Reserva de Biosfera.

Construída em 1765, a Capela passará por restauração das esquadrias em madeira, piso e forro, com a manutenção de suas características originais. Todo o guarda-corpo da Praça Cardeal Mota, localizada em frente à Ermida, será renovado. Ainda serão construídas rampas de acesso para a Ermida e o Espaço Dom João Resende Costa - Restaurante. Corrimãos serão instalados no entorno do alto do Santuário. No projeto, estão incluídas a iluminação externa e interna, a instalação de redes hidráulica e elétrica, além de melhorias e modernização no sistema de sonorização. O restauro também será realizado no antigo espaço dos eremitas (Eremitério Monsenhor Domingos).

Essas obras são justificadas pela importância do Santuário. Em 2013, mais de 200 mil peregrinos o visitaram. Uma pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) mostra que o turismo religioso é o que mais cresce no mundo e motiva anualmente cerca de 8 milhões de viagens turísticas ao Brasil. Minas Gerais é o destino preferido de grande parte desses peregrinos.

A proclamação de Nossa Senhora da Piedade como padroeira de Minas Gerais ocorreu no dia 20 de novembro de 1958. Naquela data, o Papa João XXIII (1881-1963) atendeu aos pedidos do então governador de Minas Gerais, José Francisco Bias Fortes (1891-1971), do então arcebispo de Belo Horizonte, dom Antônio dos Santos Cabral (1884-1967), e de seu então arcebispo coadjutor e administrador apostólico, dom João Resende Costa (1910-2007), e concedeu à Santíssima Virgem Maria, sob o título de Nossa Senhora da Piedade, as prerrogativas litúrgicas de Padroeira do Estado de Minas Gerais.

Para oficializar a proclamação, com a participação do então governador Bias Fortes, houve uma grande festa na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, no dia 31 de julho de 1960. Nesta data, passou a ser comemorado o aniversário de proclamação. Naquele dia, o Santuário foi elevado à condição de Santuário Estadual de Minas Gerais.

Cinquenta anos depois, entre os dias 24 e 31 de julho de 2010, foram realizados importantes eventos no Santuário Estadual Nossa Senhora da Piedade, localizado em Caeté, para celebrar o Jubileu dessa proclamação. A Semana Missionária Jubilar reuniu três cardeais, 35 bispos, dezenas de padres, autoridades e milhares de peregrinos. Durante o evento, houve a ordenação de nove padres e foram celebradas Missas diariamente.

O Santuário na era digital

Com o processo de revitalização e o consequente aumento na procura pelo Santuário, cresceu também a busca por informações sobre o território sagrado da Padroeira de Minas. Para orientar peregrinos e partilhar informações, a Arquidiocese de Belo Horizonte desenvolveu na internet o Portal do Santuário (www.santuariionsdapiedade.org.br).

A publicação apresenta a história do Santuário, os principais espaços, fotos e notícias sobre celebrações especiais e grandes peregrinações. No portal, o internauta poderá também fazer um passeio virtual pelo Santuário,

com uma vista de 360 graus de diversos pontos. Outra ferramenta do Portal que faz muito sucesso é a Fonte Virtual, que permite ao internauta enviar mensagens de fé para amigos e familiares, com imagens de Nossa Senhora da Piedade e de seu Santuário. Ao enviar a mensagem, o internauta ajuda a divulgar o Santuário e a própria ferramenta virtual, contribuindo para que se torne ainda mais conhecida a Casa da Padroeira de Minas.

No site, também é possível acompanhar as notícias do Santuário, divulgadas nos principais veículos de comunicação. Com a revitalização dos espaços, o incentivo às peregrinações e um intenso trabalho de divulgação, cada vez mais equipes de TV, jornais e revistas pautam suas coberturas a partir dos acontecimentos realizados no Santuário da Padroeira de Minas.

Durante os eventos do Jubileu, o cardeal dom Odilo Pedro Scherer, arcebispo metropolitano de São Paulo, lembrou-se de um importante fato que aconteceu durante os dias do Jubileu de Ouro. Conta que em uma manhã, ao abrir a janela do quarto em que se encontrava hospedado, por volta das 6h30, olhou em direção a Belo Horizonte. Naquele dia, o sol começava a nascer, mas estava baixo, iluminando as montanhas da região. Dom Odilo Scherer viu então uma sombra em forma de pirâmide que chegaria aos pés da Serra do Curral.

Ele conta que percebeu que era uma sombra da Serra da Piedade, com o seu Santuário, que se projetava sobre Belo Horizonte. Ao mostrar este fenômeno a dom Walmor, ouviu o Arcebispo metropolitano de Belo Horizonte dizer que não seria uma sombra, mas sim o manto de Nossa Senhora da Piedade, que se estenderia do alto da Serra sobre a Capital e todo o Estado de Minas Gerais. Dessa forma, a Virgem Maria protegeria todo o povo mineiro.

O cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, arcebispo Emérito de Salvador, referiu à época da construção da Ermida, declarando que o nome de Nossa Senhora da Piedade se justifica porque na época, na região, havia um povo sofrido pelos seus desencantos, mazelas e pecados. Eles buscavam, no Santuário, a compaixão, o perdão e o consolo para o fim de seus dias.



Tarquínio

**José Barboza de Oliveira, um nome!
Em sua memória,
privilégio e saudade...**

Ronaldo Toffolo*

Foto: acervo Eugênio Ferraz



A morte é uma certeza. A vida é uma passagem. Quanto mais preciosa a presença, mais doída é a sua perda.

Tarquínio, nascido em 18 de setembro de 1915, em São José do Rio Pardo (SP), é um nome que honra o frontispício da Biblioteca do Instituto Federal de Minas Gerais/Campus Ouro Preto, alma do que outrora – na condição de seu Diretor-Geral (chamava-se Escola Técnica Federal de Ouro Preto, ETFOP) – a denominei “a outra casa da gente”. Seu nome eterniza o sentimento de pertencimento a que somos todos honrados. Desafia a geração de hoje – mormente agora tão próximo do centenário de seu nascimento – e as que virão a se perguntarem quem foi. E ainda que saibamos que até heróis anônimos são premiados pelo esquecimento, seu nome em tão imponente cenário do IFMG teima em manter acesa a chama de sua presença e engrandece a instituição que o homenageia. Fico ainda comovido quando, tão próximo de morrer, lhe disse da homenagem que tornei realidade. Vi seus olhos alagarem...



Tive o privilégio de sua amizade e de ligá-lo à história da então Escola Técnica Federal de Ouro Preto. Era um jovem Diretor da Escola, embalado pelo sonho de honrar o passado de tão prestigiado estabelecimento de ensino, buscando legar ao futuro uma referência ainda mais engrandecida da instituição que dirigia.

Eu o conheci próximo a meados dos anos 70. Deixou São Paulo, escolheu Minas e radicou-se em Ouro Preto. Ele sabia que viveria os últimos anos de sua vida: Escolhera Ouro Preto como sua nova e definitiva morada, que, afinal, lhe homenageou com a “cidadania honorária”, em 7 de dezembro de 1977, e que abrigou seus restos mortais no cemitério da Igreja de São José, uma vez que tenha falecido na Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto, no dia 26 de dezembro de 1980. Enquanto preparava a Fazenda de São José do Manso para alojar-se e dedicar-se, dentre outros projetos, ao continuado estudo da história da Inconfidência Mineira, manteve estreita amizade com meu pai (que morreria aos 49 anos, no fim do dia 21 de setembro de 1975, dia este todo dedica do por meu pai como co-organizador da cerimônia de acolhimento de convidados de Tarquínio para a Missa Inaugural e Recepção na Fazenda do Manso). Até então, hospedava-se no Toffolo e tomava suas refei-

ções em nossa mesa, ocasião em que o brilho de sua sabedoria e magnetismo pessoal iluminavam a sensibilidade dos que descobriam nele um patrimônio vivo, devotado com paixão à história de Minas e, particularmente, ao período que tornou Vila Rica o cenário de luta libertária que resultaria – tempos depois – em símbolo do suplício e glória da independência da nação brasileira.

Foi consultor científico do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro/ESAF – núcleo vinculado à Casa dos Contos, em Ouro Preto. Por iniciativa da Administração da Casa dos Contos (cujo administrador era Eugênio Ferraz – ilustre personalidade e hoje Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais), organizou em 7 volumes (1976, 1977-1981) “escritos esparsos reunidos” de Tarquínio José Barboza de Oliveira (datilografados e xerografados). Em um desses volumes (1980, publicado em 1981), encontra-se às páginas 153 a 163 o monólogo em 2 atos “Um homem chamado Tiradentes”, destinado a ser encenado pelo então ativo Teatro do GLTA (Grêmio Literário Tristão de Ataíde). Lembro-me, comovido, por iniciativa minha, de sua apresentação na íntegra, na Casa da Ópera de Vila Rica (Teatro Municipal de Ouro Preto), pelo ator José Cruz do Carmo Flores (sempre – e ainda nos tempos de hoje - dileto colega e querido amigo) que, em

magistral performance, deu luz e vida ao texto do inesquecível mestre. Espetáculo cenográfico, tendo em seu 2º ato, além do personagem do Alferes, participação apenas presencial de figurantes, representando inconfidentes). Registre-se que José Cruz (atual professor da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP) foi aluno e ainda, por quase 2 anos, professor na área de mineração da então ETFOP.

Um pouco da capacidade criadora de Tarquínio pode ser sentida pelo leitor, nos extratos que abaixo transcrevo do monólogo citado e já referenciado acima, reconhecendo, no entanto, que presto um desserviço à memória do mestre, pois somente a magistral totalidade de sua dramaturgia – rigorosamente referenciada em suas pesquisas históricas – é capaz de fazer justiça ao criador, na perspectiva de sua criatura. Magistral e inesquecível obra, no Teatro mais antigo em funcionamento das Américas (Afonso Ávila).

No 1º ato de seu monólogo, seleciono e apresento Tarquínio na perspectiva da obra que escreveu, molhada, transpirada por seus estudos, humanismo e arte, que transcendem e revelam sua paixão pela pesquisa, pela beleza e certeza da esperança. Perdoem-me os leitores: são excertos... É preciso ao vivo ver o todo. Mas revelam a força e a grandeza de um gênio! Veja box a seguir:

(Tiradentes fala à platéia) É fácil povoar cadeias, onde a lei é uma balança de pratos vazios e a justiça os raios do poder, fulminando os fracos e os órfãos de padrinhos, ao sabor da prepotência. É fácil erigir obras grandiosas com o suor do corpo alheio, financiadas com o pão da fome humilde.

(Um sino, ao longe, bate horas, Tiradentes caminha de novo e se dirige ao público)... Se tendes coração, um mínimo de fraternidade humana, em terra oprimida também sois um prisioneiro. Nem vos basta o saber. Ele é inútil, se não se converte em benefício alheio. Pois dói menos a miséria, que a consciência da miséria. A mesa farta, entre famintos, é afronta, e não um privilégio.

(E segue mais à frente) Repartimos entre nós o espetáculo nefando da cadeia, oferecendo uma oração aos moribundos, unguento às chicotadas do verdugo, xarope aos tísicos... Morte, feridas e tosse que não se devem à natureza, mas às feras que o poder arma e torna invulneráveis. E se dizem nossos semelhantes... Repartiria de bom grado o lucro: lucro de lágrimas impotentes que já nascem secas. Não. Não gostaríeis sequer de vê-lo, nem vossas narinas delicadas suportariam o cheiro da desgraça. Ao menos resta o consolo de minorar-lhes o desespero, pois quem lá entra antecipa o inferno. Já não tem direito à consciência, à memória, ou à alma... Nós o temos ainda, pelo menos o direito de nos fingirmos cegos...

(Segue Tarquínio, mais ainda à frente, pondo Tiradentes sentado, com ar acabrunhado, num degrau da escadaria) Não perdi apenas o dinheiro com que pretendia ajudar-vos a vós, mineiros. A longa ausência fez-me perder a mãe de minha filha em Vila Rica, que não soube honrar-me à distância... Não o lastimo e bem que a perdôo. Sendo tão débil, como poderia resistir às lutas e sacrifícios que virão? Como teria eu forças para conduzir-vos à vitória e ainda poupar-lhes os riscos íntimos numa fortuna incerta e vária? Se não pôde ser fiel, como poderia tornar-se digna de uma esperança e de um sonho? Foi simplesmente humana... e precisaria ser divina.

(Tarquínio fecha o 1º ato levando Tiradentes a bradar à platéia) Preste bem a atenção! Um coro se levanta, e canta, e clama: Os ferros, tintos de sangue, se convertem em armas. Armas que se transformam em redenção, paz e liberdade, aqui e no mundo: a fraternidade do trabalho honrado e livre. Canto de amor e de alegria a vibrar em cada veia. Em cada fibra. Em cada célula, vencendo a morte. Porque somos iguais. Porque somos irmãos. Porque cremos na esperança!

Vila Rica e a rebelião mineira. Eis, pois, a tragédia e força propulsora para a transformação da colônia em império independente. Eis também, em resumo, a paixão de Tarquínio e a trama que o destino alinhavou, fazendo do erudito, culto, carismático e sedutor paulista um apaixonado seduzido por Ouro Preto. Em busca de seus sonhos e renunciando à tragédia pessoal anunciada, tornou Ouro Preto sua cidade muito amada e nela atuou como luminar pesquisador e historiador.

Cecília Meireles também passou por estas terras. Estudou e se inspirou nesta “capital da saudade, da beleza e da esperança” (como a denominava Alceu Amoroso Lima) para escrever o Romanceiro da Inconfidência (obra publicada em 1953 e escrita na década de 1940, quando sua autora, então jornalista, chegou a Ouro Preto com a finalidade de documentar os eventos de uma Semana Santa). Perdoem-me a provocação. Não se pode desconhecer tamanha grandeza e imenso legado à cultura literária brasileira! No Romance IV ou “Da Donzela Assassinada” a poetisa diz “Foi no mês de dezembro, pelo mês do Natal. Tinha o amor na minha frente, tinha a morte por detrás...” Assim termina o romance: “Há tanto tempo estou morta! E continuo a penar.”

Tarquínio há tanto tempo está morto. Sua morte foi também no mês de dezembro, mês do Natal. Tarquínio, o eterno apaixonado pela vida e por Ouro Preto de Senhora do Pilar, nos deixou e nós continuamos a penar, pois restou para os que o conheceram, a saudade. E saudade, diz Alceu, “não é o que passou, mas o que ficou do que passou”. E Tarquínio ficou em nós que o conhecemos e também para todos os demais em suas obras que legou à posteridade.

Tarquínio foi uma presença que classificaria como o mais luminoso cometa humano (por ter passado tão rapidamente e iluminado tanto) que conheci com estreita convivência. Que privilégio sua companhia desde que o conheci. Que privilégio sua colaboração, especialmente no curto período decorrido do início de minha nomeação (junho de 1979), até a sua morte (dezembro de 1980), para o esplendor do tempo em que fui honrado como Diretor da ETFOP, atual IFMG/OP, tendo-o como companheiro e consultor da Diretoria. Mantínhamos um encontro semanal, onde questões importantes do interesse da instituição eram discutidas e decididos encaminhamentos. Viajamos juntos algumas vezes, buscando solução para questões de relevância para o destino da instituição que dirigia.

Associado ao Grêmio Literário Tristão de Ataíde (GLTA), a meu convite e do Pe. Mendes (1913-1999), tornou-se um “embaixador” também da agremiação. E quando das vindas habituais de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) a Ouro Preto, em sua Fazenda acontecia o encontro dessas luminares inteligências do pensamento, associadas a outros notáveis. Em um desses encontros conheci Frei Betto e, com ele, junto a Alceu – que em Ouro Preto se encontrava a convite do GLTA –, presenciei um raro momento de esplendor cultural. E é de Frei Betto que transcrevo o que está datado de 1987 (fonte: Betto, Frei, A Fazenda do Manso, Globo Rural), com o intuito de trazer à luz para o leitor um pouco de Tarquínio e esse tempo inesquecível, nos dizeres originais do dominicano:

“A Fazenda do Manso está intimamente ligada à figura extraordinária de seu proprietário, Tarquínio Barboza de Oliveira. Executivo de sucesso, diretor de diversos laboratórios, em meados dos anos 70, Tarquínio, que cultivava especial interesse pela história da Rebelião Mineira (inapropriadamente qualificada de Inconfidência), ousou dar o passo que muitos homens de empresa acalentam quando se dedicam à vida intelectual: largou São Paulo, as mordomias de suas funções, a família (que mais tarde se reuniu a ele), as recepções, pegou a barraca da filha e foi acampar no alto da estrada de Saramenha, junto ao velho casarão construído pelos bandeirantes no século 17.

Não tardou muito para que Tarquínio construísse os dois conjuntos em estilo colonial, cujas paredes, e até mesmo os degraus das escadas, abrigavam seleta biblioteca com cerca de 5.000 volumes. Não havia ali um único livro sobre o qual ele não pudesse discorrer. Era uma enciclopédia viva e nisso se parecia com Fidel Castro: revelava grande interesse por qualquer assunto, da história da construção da Muralha da China à influência da Lua na evolução dos fungos. Abria o coração e a adega a pobres e ricos, adultos e crianças, como se a sua felicidade fosse proporcional à alegria que pudesse proporcionar aos amigos. Ali, entre livros e vinhos, tivemos longos papos e acompanhei o esforço que ele e sua mulher, Guida, fizeram para reativar a plantação de chá (um dos melhores que já tomei no Brasil), pôr o gado no pasto, instalar a pocilga e iniciar a criação de trutas. Porém, os bancos davam créditos cujos juros floresciam e se multiplicam muito antes que a natureza apresentasse seus frutos...

Enquanto o poder público não se interessava por restaurar a velha casa dos bandeirantes, Tarquínio dedicava-se aos estudos das Cartas Chilenas, sobre as quais escreveu um ensaio clássico, e a organizar os Anais da Inconfidência. Dizia-me sempre que o suicídio de Cláudio Manual da Costa lembrava o de Vladimir Herzog. Num domingo, partilhamos verduras e assados com a presença calorosa do dr. Alceu Amoroso Lima, ouro-pretano de coração. Foi então que descobri que a estrada de terra diante daquela fazenda abrigada entre montanhas, sob um clima europeu, não conduzia apenas ao pico do Itacolomi. Levava também a um antigo quilombo, talvez o único remanescente ainda no Brasil: Lavras Novas. Já avisei a meus amigos repórteres, mas ninguém quis ver para crer.”

“Deus andava apressado para desfrutar do papo do Tarquínio e levou-o há poucos anos. Morreu antes do tempo e permanece vivo no coração de meus pais, seus melhores amigos, e na arte do livro de minha mãe, Fogão de lenha, que reúne trezentos anos de cozinha mineira. Obra cozinhada e confeitada graças ao apoio dele. O que me consola é a certeza de que Tarquínio Barboza de Oliveira teve tempo de viver o que muitos sonham e poucos têm coragem: fazer o que gosta e gostar do que faz.”

Tenho certeza – por mais que ainda pudesse contribuir - de que não consegui expressar e melhor traduzir para o leitor a plenitude de quem foi e o que representou Tarquínio, quer na história da então chamada ETFOP, muito menos detalhando o mosaico de seu brilho e contribuição para a cidade de Ouro Preto e, principalmente, para a história de Minas.



*Em pé: Antônio Carlos Vieira Cristo, Tarquínio José Barboza de Oliveira, Frei Beto, Teixeira, Marília e Ronaldo Toffolo.
Sentados: Estela Libânio Cristo, Alceu Amoroso Lima, Oscar Mendes, Guida e Maria Tereza*

Reservo-me, no entanto, ainda destacar o quanto pude – dentro de minhas limitações - lutar e colaborar para que seu desejo – várias vezes por ele a mim manifestado, de modo especial no período que antecedeu sua internação final e morte, fosse consumado: manter sua biblioteca pessoal na cidade de Ouro Preto. Agradeço ao prezado e consagrado escritor Rui Mourão (hoje ainda Diretor do Museu da Inconfidência, de quem tive a honra de citação em seu romance premiado “Boca de Chafariz”, ©1991,©2007 - e em seu nome e a quem mérito possa assinalar - a decisiva interveniência para que permanecesse em Ouro Preto o “acervo bibliográfico Tarquínio (ou parte dele)”. Adquirido da família e com registro de sua incorporação datado de 8 de março de 1985, sua expressiva coleção bibliográfica, somando 12047 livros, encontra-se hoje abrigada no Anexo III do Museu da Inconfidência – “Casa do Pilar”, a serviço da pesquisa e espelho à

posteridade de parcela importante de sua culta e generosa alma. Somente alguém tão especial reuniria tal acervo e próximo de despedir-se da vida que dele se esvaia, reuniria força ainda para uma viagem a Portugal em seu último aniversário natalício, visitando o luminar filólogo Rodrigues Lapa, indiferente ao câncer que lhe abatia e negando à doença final tirar-lhe o brilho dos olhos e a inesgotável sede do saber.

Seria imperdoável, ao citar Rui Mourão, se não destacasse aqui, do maravilhoso romance premiado acima citado, suas referências a Tarquínio. Deixar de ler Boca de Chafariz é privar-se da emoção e beleza da criação literária de Rui. O romance do douto escritor me emociona no todo. Melhor: Leva-me às lágrimas (e assim também aconteceu com o renomado compositor e maestro Ernani Aguiar ao ler o romance: afinal é pura obra prima. E com que magia tudo retrata e insere Tarquínio. O cenário – como não havia de ser? – Ouro Preto. Nele, Tarquínio – ele próprio e personagem. Haveria em meu artigo grave omissão desconhecer o

Tarquínio apresentado por Rui. Não resisto dar luz e convite ao feito... O livro como um todo: É preciso ler. No anonimato sentir-se também personagem e cúmplice de Ouro Preto. É magistral quando o escritor pinta com as cores de sua poética inigualável: “A sensualidade sempre fora uma dimensão maior da cidade. Não era por acaso que ela tinha surgido ao pé do Itacolomi, massa de pedra erguida rija no horizonte, em arremedo fálico”. Tem razão o escritor quando ressalta que “a cultura é fenômeno indissociável da condição humana”. O culto Tarquínio é mostrado no romance de Rui como sempre eu realmente o sentia e ainda – passados longos anos de sua morte – ainda o vejo no recôndito de minha alma. E assim o escritor dá asas a todos que o conheceram e precisam sempre voar... Não renuncie, leitor, ao encontro com o Tarquínio em “Boca de Chafariz”. Rui bem o disse que ele “tinha consciência também de que, ser social, participava na companhia dos contemporâneos da construção do fato novo, destinado a converter-se, no futuro, em outro capítulo da crônica da humanidade.” Tarquínio de fato viveu seu tempo, com inebriante vitalidade e coragem – na renúncia e ruptura – mas em contínuo recomeço, repartindo o brilho de sua sensibilidade, inteligência e cultura com alguns tantos que com ele conviviam, mas sempre acompanhado, dentre outros, de Tiradentes, Cláudio Manoel da Costa e o tempo em que viveram.

Fica o desafio (registrando aqui o mérito indiscutível e precedente de iniciativas já citadas ou não - e as que se encontram em curso, a exemplo de membros de sua família -) para que estudiosos, pesquisadores e escritores revelem a grandeza do historiador brilhante que, dentre outras iniciativas, colaborou na pesquisa e organização dos Autos da Devassa e que deixou brilhante estudo publicado em “*Cartas Chilenas*”. Seus pronunciamentos ao vivo (sem registro) Esses partirão com alguns rumo à eternidade. Seu nome como patrono da Biblioteca do IFMG/Ouro Preto é se fazer presente, o que jamais há de se apagar na memória dos tempos!

Gosto sempre de repetir Alceu Amoroso Lima, quando dizia “a plenitude da palavra é o silêncio”. Que o silêncio, pois, preencha e torne pleno o muito que ficou de vazio em minha mensagem à memória de Tarquínio. É o mesmo Alceu que também nos afirma de que “a saudade é o meio de termos sempre vivos, entre nós, as pessoas e os sentimentos, as lições e as coisas que um dia constituíram as fontes de nossa vida”.

Tarquínio, ao morrer, deixou em muitos – em mim certamente – imenso vazio. Parte de mim (e de tantos outros) partiu junto a ele. Qualquer homenagem que lhe é prestada é pálida diante do merecimento que lhe deve ser atribuído: inesquecível homem, humanista, sábio e legatário de obras de grande valor. Frei Betto tem razão: Deus andava apres-

sado para ter Tarquínio perto de Si. Morreu antes do tempo e permanece vivo.

Termino meu depoimento, acreditando poeticamente que ele é uma estrelinha no céu (dentre tantas de semelhante mérito à citação). No dizer parnasiano da Cantilena bilaquiana:

“... Quando as estrelas surgem na tarde, surge a esperança... Quando as estrelas brilham mais vivas, brilha a esperança... Quando as estrelas tremem de frio, treme a esperança... Quando as estrelas morrem na aurora, morre a esperança...”

Tarquínio viveu intensamente parte do século XX. Na plenitude do arco de vida terrena de Tarquínio, Cecília escrevia e publicava o *Romanceiro*. À época, em São Paulo, Tarquínio construía seu caminho e consagrava-se no mundo da indústria farmacêutica. Intenso, como característica de seu estilo, viveu plenamente sua maturidade na era do pós-modernismo dos anos 60/70. Curioso... Não consigo deixar de vê-lo em minha imaginação como um romântico em Paris. Frequentando o círculo de Balzac, Delacroix, Chopin, Sand e Musset. No entanto, em meados dos anos 70, não estava em Paris acima comentada. Encontrava-se na antiga Vila Rica, iluminando a história da Inconfidência Mineira. Ouro Preto: sua nova e última casa. Definitivamente a cidade de seu coração! A que lhe concedeu a cidadania em 1977 (curiosamente o mês era dezembro). Ouro Preto o acolheu e em tão pouco tempo o sepultou (em dezembro de 1980). Mas Tarquínio jamais envelheceu. A “boa velhice”, na ótica de García Marquez, “é um pacto honrado com a solidão”... E Tarquínio não padecia de solidão. Morreu sem envelhecer. Apenas e lamentavelmente perdeu a luta contra o câncer, que lhe tirou prematuramente a vida.

Ele se foi... tão cedo! E nosso mundo certamente ficou mais triste. Cecilianamente (dela tomo de empréstimo) este o meu sentimento “Ainda plangem todos os sinos, pelo (Tarquínio) que é morto... Como assim morrer tão moço?... Tristes anos por estas Minas, onde existem vários loucos... Ai, terras de (Ouro Preto), os tempos andam revoltos. Neste levante das almas, trabalham sábios e tolos... Ainda plangem todos os sinos! Cobri-vos, montes de rouxo!”

Mas, mesmo diante desse irreparável sentimento de perda e solidão para os que ficamos, “dourado e rouxo, o campo alvorece”. E em cada aurora de vida, brilham as estelas... A luz do sol nos engana. Renasce sempre a esperança! E a esperança se transmuta em felicidade! E é dessa felicidade que diz ainda García Marquez: “Não choramos porque acabou, vamos sorrir porque aconteceu”.

***Professor do IFMG de Ouro Preto**

Um historiador completo; um orador fantástico!

Eugênio Ferraz*

Ao receber a visita, recentemente, na Imprensa Oficial, do caro amigo ouro-pretano, também colega contemporâneo da Escola de Minas de Ouro Preto, a saudade bateu muito forte quando o assunto foi Tarquínio. Convidei, então, Ronaldo Toffolo, ex-diretor da Escola Técnica Federal de Ouro Preto (hoje professor do IFMG, músico, pianista e engenheiro metalúrgico) dos bons tempos, onde também me formei em mineração antes da engenharia civil, a publicar nesta Memória CULT algo sobre meu mestre intelectual, também grande amigo e influenciador historiográfico de todos nós que com ele tivemos o privilégio de conviver. Nada mais acertado! Ronaldo sintetizou em poucas páginas a essência de nosso caro amigo. Seu valor ainda despercebido em Minas. Suas andanças, peripécias e aventuras nas descobertas,

acompanhei nos últimos sete anos de sua vida; já não como empresário de sucesso, presidente de multinacional que, de repente, tudo deixa para viver na fantasia de Ouro Preto setecentista em pleno século XX. Seus estudos e o lançamento anterior do livro de sua autoria, de análise crítico-analítica das cartas chilenas, levou-o a conseguir que o Ministério da Fazenda iniciasse um trabalho de resgate de suas próprias origens das origens fazendárias em Minas e no Brasil, representado pela recuperação à Fazenda Nacional da Casa dos Contos e nela instalando o Centro de Estudos do Ciclo do Ouro (CECO), pioneiro projeto de arquivologia mediante a microfilmagens de parte do chamado “Arquivo Casa dos Contos”, com catalogações/resumo de códices e catalogações/listagens por computador de documentos avulsos. A tudo descrevi na trilogia “As origens do Centro de

Estudos do Ciclo do Ouro I”, “Potencialidades de Pesquisa na Casa dos Contos de Ouro Preto II” e “As potencialidades de Pesquisa na Casa dos Contos de Ouro Preto III”, entre outros, registrando a pioneira iniciativa. Dele, Tarquínio, mais não consigo escrever, senão a extrema emoção da lembrança, junto com Ivanise que, desde nosso casamento, também teve o privilégio de com Tarquínio conviver na própria Casa dos Contos por cerca de cinco anos, onde tivemos, ambos, o privilégio do aprendizado com tão especial mestre à época em que eu administrava o monumento que depois, e em toda minha carreira no Ministério da Fazenda, restaurei, defendi e dirigi, mesmo remotamente, tendo sempre como a guiar-me os fundamentos históricos agregados no convívio com Tarquínio, o grande incentivador de minha vida profissional.

Fotos: acervo Eugênio Ferraz



Tarquínio discursando para autoridades municipais, estaduais e federais (do Ministério da Fazenda) na Casa dos Contos, em agosto de 1979, no atual Salão de Exposições que, cerca de 2 anos depois, recebeu seu nome.



Códice microfilmado da Coleção Casa dos Contos, manuscrito de mais de 240 anos, cujo título, hoje, mais apropriado seria *Evolução financeira (ou fazendária) da Capitania de Minas. O Erário Régio*, de autoria de Francisco A. Rabelo, contador da Junta da Real Fazenda, indica a origem e evolução dos grandes tributos reinóis sobre a Capitania de Minas (dízimos, entradas, passagens de rios e ofícios de justiça). Trata-se de um dos documentos econômicos mais importantes do Ciclo do Ouro. A sua publicação ocorreu em 1976, com análise crítico-analítica de Tarquínio J. B. de Oliveira.



Livros que montamos na Casa dos Contos, Ivanise datilografando e formatando textos de Tarquínio e eu montando-os em cópias xerográficas para a produção artesanal de alguns exemplares.

Nesse período, foram executados, sob a coordenação de Tarquínio, alguns projetos de pesquisa, entre os quais se destaca a obra *Erário Régio de Sua Majestade fidelíssima*, em uma edição fac-similada do mais precioso dos códices do “Arquivo Casa dos Contos”, de autoria de Francisco Antônio Rabelo, contador da Junta da Real Fazenda, no qual se registram os fatos econômicos-financeiros de 1715-1767, destacando-se a importância histórica na análise crítico-analítica daquele coordenador, consultor do Ceco no período de 1976 a 1980, seu grande benemérito e incentivador desde antes da implantação efetiva da instituição. A edição do *Erário Régio* seria a primeira publicação de uma série que propunhamos executar com o saudoso professor Tarquínio, onde se destacavam as publicações “O regimento dos Contos”; “O regimento dos dízimos, décimas, entradas”; e do “Subsídio literário”; “Regimentos protecionistas do século XVIII”; “Correspondência ativa de João Rodrigues de Macedo e Correspondência ativa de João de Souza Lisboa”, sendo que as duas últimas obras, em 10 volumes, dariam prosseguimento à série “Negócios Coloniais”, já inaugurada pelo Ministério da Fazenda em 1973.

A despeito de todo o empenho e disposição daquele grande historiador e profundo conhecedor da história de Minas Gerais, as editorações, à falta de recursos na época, não se efetivaram. Parte executamos, em edições reprografadas e encadernadas, nas condições disponíveis. Do mesmo autor e dessa forma, foram preparados os trabalhos “Ensaio da Casa dos Contos”, volumes I e II (cada um com cerca de 300 páginas); “Correspondência ativa de João Rodrigues de Macedo”, volumes I e II (aproximadamente 350 páginas cada volume); “Vereanças de Vila Rica” (aproximadamente 100 páginas); “O 1º impresso em Minas Gerais” (100 páginas); “Um banqueiro na Inconfidência” (90 páginas); “A música oficial em Vila Rica” (130 páginas), entre outros, assim como a publicação “As potencialidades de pesquisa da Casa dos Contos”, de Eugênio Ferraz, com a assistência do professor Tarquínio, que, além da monografia inicial, conjuga a bibliografia da Casa dos Contos (por Hélio Gravatá) com todo o catálogo da Série Códices microfilmada e disponível no Ceco, de documentos do Arquivo Casa dos Contos existentes no Arquivo Público Mineiro, em acessos facilitados reorganizados por Ivanise Junqueira Ferraz.

*Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



Dr. José Franklin de Massena: o desbravador das montanhas do Sul de Minas

Marcos Paulo de Souza Miranda*

“Sentado em seus cumes, ahi onde as panellas de gelo sucedem-se como um crivo, o homem, sombreado a todos os cumes do Império, paralelo à região onde se formam os meteoros, extasiado pelos encantos desse pitoresco panorama que lhe oferece o horizonte, e fórma que têm estes montes, dirá como o naturalista Hoke: ‘A pena mais eloquente, o pincel mais hábil, são igualmente impotentes para levar diante dos olhos as formas, e as cores destes montes’. A minha pena é incapaz de descrever o que a alma sente.” José Franklin de Massena, 1867.

Matemático, astrônomo, engenheiro, alpinista, arqueólogo, geólogo, espeleólogo, paleontólogo e historiador, o notável José Franklin de Massena nasceu em Aiuruoca, Sul de Minas Gerais, em 1838, sendo filho do Capitão José Antônio da Silva e de Dona Mariana Carolina Ferreira.

Apaixonado pelas montanhas mineiras e obstinado em conhecê-las, com apenas onze anos de idade subiu o Pico do Papagaio em sua terra natal, com mais de dois mil metros de altitude. Dezoito anos mais tarde registraria em uma de suas obras: “No principio de minha mocidade tinha visitado os altos da Serra do Papagaio, em 1849. Sentado sobre seus cumes eu contemplava ao sul uma montanha, que, assomando seus píncaros sobre os mais altos cumes da Mantiqueira,

disputava o firmamento”. (Ascensão Científica ao Itatiaya, p. 09).

Fez seus estudos de humanidades no Colégio Melchiades, em Aiuruoca, chamando a atenção de seus professores pelo seu brilhantismo principalmente em latim e geografia, disciplinas que passou a lecionar logo em seguida.

Em 1856 escalou o Pico de Itatiaia, nas divisas de Minas, Rio e São Paulo, então considerado o ponto culminante do território brasileiro, com mais de 2.800 metros de altitude. Essa façanha lhe confere o título de pioneiro do montanhismo no Brasil. Voltou ao local nos anos de 1858, 1859, 1861 e 1867, aprofundando suas pesquisas sobre a região.

Em seguida partiu para o Rio de Janeiro, onde, por sua inteligência e tirocínio científico, se tornou

conhecido nos círculos de intelectuais da cidade, passando a gozar da estima pessoal do Imperador Pedro II, cultor das ciências e das artes.

Em 09 de agosto de 1861 teve seu nome aprovado como sócio correspondente do prestigioso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituição que reunia o ápice da intelectualidade brasileira à época.

Elaborou o “Mappa geographico e mineralogico do sul da provincia de Minas Geraes”, doado ao IHGB em 1861. O trabalho teria agradado tanto o Imperador Pedro II, a ponto de Sua Majestade patrocinar os estudos de Massena na Europa, onde ele se formou em matemática e filosofia pela Universidade de Roma, estudando ainda astronomia com o célebre Padre Angelo Secchi.



Durante sua estadia na Europa (1862-1864), subiu os Apeninos pelo lado de Frascati e transpôs os montes de Velletri. Entretanto, com saudade do Sul de Minas, sua querida terra natal, observou que o “o céu tão lindo da Itália e o bello panorama do mar Mediterraneo não me causaram tanta sensação como no Itaitiaya” (Ascensão Científica ao Itaitiaya, p. 23).

Mesmo no exterior, mantinha comunicação regular com a imprensa e a comunidade científica brasileira, divulgando os resultados de suas pesquisas, socializando seus conhecimentos.

Na edição de 25 de janeiro de 1864 do periódico A Actualidade, do Rio de Janeiro, publicou o artigo científico denominado O irradiação solar e um novo psicrômetro.

Pesquisador interessado e generoso, ofereceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1864, um Relatório sobre diversos manuscritos que existiam no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma, dentre eles poesias do Padre José de Anchieta. (Biblioteca Nacional, I-46,18,6).

De volta ao Brasil, foi recebido pessoalmente pelo Imperador Pedro II na primeira semana de maio de 1864.

Retomando suas pesquisas em solo nacional, no Diário do Rio de Janeiro de 21 de novembro de 1864 publicou o artigo intitulado: Estudos sobre diversos fenômenos da atmosfera terrestre.

No ano de 1867 publicou no Rio de Janeiro o livro intitulado “Quadros da natureza tropical ou ascensão científica ao Itaitiaya, ponto culminante do Brasil”, primorosa obra que Massena dedica ao Imperador Pedro II, agradecendo-lhe pela proteção que lhe foi dada durante a mocidade.

Nessa notável obra ele deixa registros de valor sobre geologia, orografia, espeleologia, geografia, paleontologia e hidrologia com base nas observações que fez na expedição realizada em julho de 1867, na companhia de membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Imperial Observatório Astronômico do Brasil.

Em 1875 encontrava-se morando em Barra Mansa – RJ, onde teria constituído família, casando-se com Dona Guilhermina Leite Carrijo, natural de Santa Izabel-RJ.

Em 1876, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicou a “Descrição do Itatiaia ou Itaitiayo” (RIHGB. Rio de Janeiro : IHGB Referências: T. 39, v. 52, pt. 1, p. 413-418, 1876).

No apogeu de sua capacidade intelectual, quando escrevia um Tratado de Astronomia, antes de completar quarenta anos de idade, acabou por perder o uso de suas faculdades mentais e foi internado no Hospício Pedro II, no Rio de Janeiro, onde faleceu, dormindo, em 09 de maio de 1877.

Em seu necrológio, de autoria de seu confrade, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Tomo XL, Parte Segunda, 1877, p. 556-558) consta:

Era o homem das alturas e quis subir acima do seu berço: subiu; em elevado empenho científico ascendeu ao Itatiaia, chegou à base, ao ponto acessível das Agulhas Negras e destronou o Itacuatiara, dando o cetro da culminância da orografia ao Itatiaia. O Dr. José Franklin Massena era constante, laboriosíssimo e apaixonado cultor da ciência. A geografia e a astronomia mereciam os seus amores de predileção. Como, porém, se tivesse no ânimo a previsão do próximo termo de seus dias, trabalhara rápido, com ardor febril a fazer pensar que dizia a si próprio: tenho pressa... Inteligência robusta e fértil em suas primícias, deixava augurar tesouros; mas a previsão sinistra, se em verdade ele a tinha, realizou-se. A onda da morte levou-o. O Brasil confia a guarda da memória de José Franklin Massena ao Itatiaia.

Foto: acervo do autor



Foram publicados após o seu falecimento os seguintes trabalhos científicos:

❑ Investigações científicas para o progresso da geologia mineira (RIHGB. Rio de Janeiro : IHGB Referências: T. 47, v. 69, pt. 2, p. 249-282, 1884).

❑ Tabela das altitudes sobre o nível do oceano dos principais lugares e montes da carta

topográfica de Minas Gerais (RIHGB. Rio de Janeiro : IHGB Referências: T. 45, v. 64, pt. 1, p. 151-155, 1882).

❑ Panorama do sul de Minas (RIHGB. Rio de Janeiro : IHGB Referências: T. 45, v. 65, pt. 2, p. 405-435, 1882).

❑ A idade da pedra no Brasil. Revista do Arquivo Público Mineiro. Vol. 11, 1906. p. 399-427.

O Dr. José Franklin Massena, pelo seu amor às montanhas sul-mineiras, sua dedicação aos estudos científicos, pelo brilhantismo alcançado no cenário científico do século XIX, merece, a nosso sentir, ser considerado como integrante da galeria dos filhos mais notáveis de Minas Gerais.

***Promotor coordenador das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de MG**



Falsa perícia

Primeira falsa perícia, declaradamente reconhecida pelo beneficiário e/ou primeiro regime semiaberto no Brasil

Christobaldo Motta de Almeida*

Em 1802, Thomas Lindley, um contrabandista inglês, aportado na Bahia, perseguido pelas autoridades locais, foi detido e mantido em cárcere no Forte do Mar, conhecido atualmente como Forte São Marcelo, próximo ao Mercado Modelo em Salvador. Navegava entre esta cidade e Porto Seguro vendendo mercadorias tais como, facões, enxadas, ferraduras e outros artefatos metálicos fabricados na Europa e, comprando madeiras produtoras de tintas e de perfumes. O navio com seus marinheiros permaneceram aprisionados no cais e, a esposa o acompanhou na prisão. Fazia-se passar por médico e descreve na sua obra *Narrative of a Voyage to Brazil*, editada em 1805, uma falsa perícia.

À conselho do próprio Governador, que enviou dois intérpretes, aceitou fingir-se de doente para reduzir sua pena, obtendo para esse fim “atestados de um médico e de um cirurgião prontos a declarar que a minha vida correria perigo se eu permanecesse enclausurado no Forte.” (Lindley, op. Cit., p.82.).

O cirurgião João Dias da Costa e o médico Isidoro José de Lima, “ambos ilustres na cidade”, “juraram pelos Santos Evangelistas que o Sr. Thomas Lindley estava vio-

lentamente atacado de um calor generalizado pelo corpo, o qual lhe produziu hemorroidas, além de afetar-lhe de outras maneiras todo o sistema, pondo sua vida em perigo; e que a liberdade de transferir-se para a cidade, a fim de obter os conselhos e conforto proporcionados pelo lugar, era absolutamente necessária ao caso, para evitar mais graves consequências.” (idem, *ibidem*, p. 82).

Lindley descreve ainda que não houve “consulta”, isto é, exame por parte dos peritos, e que pagou “quatro mil réis” pela perícia, sendo removidos, ele e a esposa para o: “Forte do Barbalho, podendo circular livremente pela cidade durante o dia, mas teria que retornar ao Forte à noite”. (provavelmente o primeiro regime semiaberto brasileiro).

Qualquer semelhança com fatos atuais, notórios e, personagens tais, é mera coincidência, apesar de decorridos mais de 200 anos. O Código de Processo Penal e o Código de Ética Médica impedem o médico de periciar o seu próprio paciente.

* Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

Foto: Raphael Simões



Forte de São Marcelo - Salvador - BA



Um alquimista pós-moderno



Foto: acervo pessoal

Zé Teixeira, que está lançando seu terceiro disco, “Alquimista”, é daqueles artistas que fazem a hora, não deixam acontecer. É um pouco essa condição que ele transpôs para o título do disco. “Alquimista tem vários sentidos, um deles se refere à própria questão de que nós, músicos, dependemos de ser competentes, mas também de ter sorte na carreira. A alquimia vem nesse sentido, de estar sempre garimpando alguma coisa que nos proporcione avançar na direção da realização”, explica.

Prestes a completar 33 anos de carreira, ele, que é natural de Água Boa, já tem no currículo dois CDs autorais – “Viver de novo” (1997) e Irreverências” (2011) – e agora investe no campo audiovisual com o CD e DVD “Alquimista”, em que, reconhece, “atende um pouco algumas exigências do mercado”.

Na prática, isso significa regravar alguns clássicos da música brasileira como “Criaturas Da Noite”, de O Terço, “Palco”, de Gilberto Gil e “Tente Outra Vez”, de Raul Seixas. “Fiz uma coisa mista e fechei o escaninho com essas três versões, que são referências muito fortes. Com isso mostrei um pouco o lado intérprete, mas sem deixar de colocar em primeiro plano as minhas composições”, diz.

O disco traz o músico acompanhado de uma orquestra de câmara, naipe de sopros e de backing vocals, além da banda-base que o acompanha. “Ficou um trabalho de altí-

simo nível, toquei com músicos de primeira qualidade e nesse momento quero dar vazão a esse trabalho, que pretendo lançar no início do ano que vem na Funab, em Betim”, revela.

Seu foco é também o exterior. Neste sentido, está lançando o álbum duplo “Alquimista” nas lojas virtuais em diversos países, bem como em mais de 5.000 rádios, através da Distribuidora Global de Música Digital One RPM. “É uma distribuidora muito bacana, temos um namoro antigo”, lembra. “Agora fechamos um lançamento virtual em lojas de todo o mundo. Pela distribuidora, ganho maior visibilidade”.

Teixeira assume também um outro papel, o de produtor cultural. Ele é coordenador do Encontro Minas na MPB, evento que reúne novos compositores locais para mostrarem seus trabalhos autorais. “Trata-se de um projeto inédito no Brasil, a única iniciativa próxima a isso foi o Mangubeat”, acredita. “Infelizmente o mercado hoje é mais focado no intérprete e na música comercial. Lamentavelmente as gravadoras que sobreviveram nessa era, adotaram essa estratégia, um pouco cruel com o compositores, de valorizar apenas o que já é consagrado, ou lançar produtos com foco muito comercial, sem muita elaboração musical e cultural”, argumenta. O festival pretende inclusive se ampliar nacionalmente, com o nome de Encontro Brasil na MPB. “É nossa contribuição para valorizar esse segmento”, conclui.





Muito além do seu tempo



Foto: divulgação

Joaquina do Pompéu

Bruno Terra Dias*

Há 190 anos despedia-se Joaquina Bernarda da Silva Abreu Castelo Branco, Dona Joaquina do Pompéu, uma das personalidades mais destacadas do Brasil Colônia. Sua extrema capacidade, administrativa e política, para formar rede de poder social, político e econômico, a distinguiram.

responsabilidades próprias, fazia com que Inácio se afastasse de casa por longos períodos, condição que levou Joaquina a assumir a administração das terras e empreendimentos do casal.

Primeiros tempos

Joaquina Bernarda nasceu em Mariana, aos 20 de agosto de 1752, quinta dos nove filhos do advogado português Jorge de Abreu Castelo Branco, originário de Viseu, e de Jacinta Tereza da Silva, açoriana da ilha de Faial. Viúvo, em 1762, o advogado retomou os estudos eclesiásticos, ordenando-se e mudando-se, com a família, para Pitangui, onde assumiu os afazeres de vigário encomendado.

Aos 12 anos, casou-se com o Capitão Inácio de Oliveira Campos. Logo o casal arrendou a Fazenda Lavapés, a partir de onde foi constituído imenso patrimônio. Iniciando com criação de gado bovino e culturas de feijão e milho, o casal ampliou a produção para arroz, café, verduras, legumes, frutas, engenho de açúcar e cachaça, além de um centro de criação e engorda de gado. O posto de Capitão-Mor da Guarda, com as res-

Espírito empreendedor

Em 1784, o casal mudou-se para a fazenda Pompéu, adquirida de Manuel Gomes da Cruz, onde Joaquina consolidou sua fama e construiu célebre casarão. Uma mistura de dura vida rural com hábitos urbanos, transformação da paisagem, fornecimento de alimentos às vilas de Minas Gerais e Rio de Janeiro, com administração férrea, relacionamentos com governos e com a família real, formaram mais que uma matrona ou empreendedora. Joaquina do Pompéu assumiu dimensões quase míticas. Multiplicou de tal forma o patrimônio, que transformou o centro-oeste de Minas Gerais em grande produtor agropecuário. A decadência da exploração aurífera deu lugar ao incremento da atividade agropecuária; o rearranjo da economia mineira, a distribuição demográfica, a chegada da família real ao Rio de Janeiro, tudo contribuiu para a ampliação das possibilidades para um espírito não acomodado.



Adoeceu o marido em 1795, ficando inválido pelos nove anos seguintes, até falecer. Nesse período, entre os 43 e os 52 anos, definiu-se a personagem histórica, rodeada de versões sobre sua vida particular. De quase santa e devota, até indizíveis maldades e obscenidades, muito se disse, pouco ou nada se provou. Uma visão equilibrada a qualifica como grande senhora do sertão. Sabia recepcionar quantos à sua propriedade comparecessem, inclusive estrangeiros, como Eschwege e Freyreiss. Enorme produtora e firme negociadora, chegou a prover de alimentos a capital do Reino Unido. O que se comprova de sua vida não permite vislumbres de santidade ou de malignidade, mas uma excepcional capacidade de liderança, realização e transformação do ambiente.

Personalidade

O direito vigente na Colônia e a profunda religiosidade, influenciaram diretamente os rumos das atividades de Joaquina. No Brasil nascente, pequenas cidades surgiram e se organizaram. Os “homens bons” governavam os destinos de suas famílias, cabendo às esposas, quase sempre analfabetas, o recato dos afazeres domésticos.

Teria sido Joaquina do Pompéu mulher além do próprio tempo? O elogio comum somente pode ser havido como sincero se for verdadeiro, e a veracidade se comprova no estabelecimento de termos comparativos autênticos e válidos. Por ocasião de sua vida madura, Joaquina experimentou realizações incomuns. Entretanto, devemos compreender a Colônia portuguesa, e sua sociedade, à luz do desenvolvimento das relações intersubjetivas no continente da metrópole. À época, sob influxo das ideias iluministas, Inglaterra e a França, cujos filósofos e revoluções, desde o século XVI, moldavam o ocidente e o mundo atual, as mulheres pronunciavam o descabimento de distinções baseadas em gênero.

Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft escreviam, em 1791 e 1792, respectivamente, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e Reivindicações de Direitos das Mulheres. Em tom de denúncia, ambas acu-

savam distinções de gênero. Por lei, mulheres e crianças eram consideradas incapazes para a vida política, reservando-se suas atividades para a vida privada, não mais.

Sieyès, na França revolucionária, estabelecia barreiras distintas da cidadania ativa e passiva, afastando as possibilidades de atuação feminina. Na mesma linha, André Amar firmou posição de que a natureza das atividades femininas era incompatível com os assuntos de governo. No seu Tratado da Natureza Humana, David Hume encontra a mesma natureza para homens e mulheres. Entretanto, reconhece que a sociedade impõe diferenças, a exigir virtudes diversificadas. Da mulher, a sociedade exigiria a castidade e a modéstia. A condição feminina, na visão de Hume, sob o influxo de condicionantes biológicos e sociais, subtrai ao gênero a força de sua vontade para estabelecimento do respectivo destino, impondo subalternidade.

Enquanto as relações de gênero assim se conduziam no velho continente, Joaquina do Pompéu, certamente sem ler ou tomar conhecimento, realizava o que, além mar, era apenas sonhado.

O caráter impresso na descendência

Inácio e Joaquina tiveram dez filhos, esgalhando-se a descendência em famílias prestigiosas de Minas Gerais e do Brasil, a saber: Anna Jacinta de Oliveira Campos, Félix de Oliveira Campos, Maria Joaquina de Oliveira Campos, Jorge de Oliveira Campos, Joaquina de Oliveira Campos, Isabel Jacinta de Oliveira Campos, Inácio de Oliveira Campos, Anna Joaquina de Oliveira Campos, Antônia Jacinta de Oliveira Campos, Joaquim Antônio de Oliveira Campos.

Se, pelos frutos, é possível saber muito da árvore, a qualidade da descendência de Joaquina do Pompéu não desmente a origem, sendo possível nomear, a título exemplificativo: Martinho Álvares da Silva Campos, Benedito Valadares, Afonso Arinos de Mello Franco, José de Magalhães Pinto, Francisco Campos, Gustavo Capanema, Roberto Campos, Dom Geraldo de Proença Sigaud, Olegário Dias Maciel, Carlos Eloy Carvalho Guimarães, Alfredo Campos, José Afonso da Silva, Ariosvaldo de Campos Pires.

Feitos que distinguem

Joaquina do Pompéu foi não apenas empreendedora notória, redefinindo os caminhos da economia e da sociedade em todo o oeste mineiro, mas transgressora (na medida em que violou proibições de produção de algodão, tecelagem, aguardente etc), nacionalista, monarquista, profundamente religiosa e propagadora do catolicismo. Enquanto as sinhás eram analfabetas, ela ensinava os escravos do Pompéu a ler e escrever; quando era comum o acasalamento de escravos, vendendo-se os membros das famílias separadamente, os cativos do Pompéu eram casados, segundo os termos da Igreja Católica, conforme reclamava o espírito verdadeiramente cristão.

Nos negócios, a grande fazendeira buscava o benefício da família. Relacionamentos comerciais estabelecidos com José Fernandes Valadares e Manoel Cordeiro o exemplificam. José Fernandes era casado com uma prima do Capitão Inácio, com ele estabelecendo preferencial comércio de escravos. Manoel Cordeiro, filho de José Fernandes, era parceiro preferencial para o comércio de propriedades, mantimentos e escravos. Dois filhos de José Fernandes casaram-se com filhas de Joaquina.

Outro negociante frequente era Domiciano Ferreira de Sá e Castro, pai de uma das noras de Joaquina. E os exemplos se multiplicam, mostrando que Joaquina fazia por todos dos quais se tornava próxima. Uma autêntica rede de poder social, político e econômico, que favorecia a formação e manutenção de fortunas dentro da família, além de pro-

porcionar o livramento de processos ou a absolvição, jamais sendo condenados os membros de sua família.

O momento de maior destaque de Joaquina do Pompéu talvez tenha sido o sustento da Corte portuguesa, em 1808. Milhares de cabeças de gado, levadas para o Rio de Janeiro, acudindo as necessidades da Coroa, além de víveres de diversa natureza, bem servem a demonstrar a força econômica e o poder político. Suas relações diretas com o príncipe regente intimidavam e eram fonte de inveja.

Mulher muito além do seu tempo

Falecendo, em 7 de dezembro de 1824, deixou Joaquina fortuna incalculável. Suas 11 fazendas abrangiam os atuais municípios de Abaeté, Dolores do Indaiá, Bom Despacho, Pitangui, Pompéu, Pequi, Papagaios, Maravilhas e Martinho Campos. Ainda constituíram herança centenas de escravos, 40.000 cabeças de gado bovino e mais o que seus domínios comportavam.

Mandou mais que qualquer homem de sua época. Liderou e se fez obedecer, ainda que ao custo de condutas à margem do direito. Suas realizações são lembradas até hoje. Seu nome ganhou espaço na memória coletiva. Distinguiu-se pela habilidade e pela força. Foi vencida apenas pela morte.

***Juiz de Direito, ex-presidente da Associação dos Magistrados Mineiros – Amagis, membro efetivo do Instituto dos Advogados de Minas Gerais – Iamg e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais - IHGMG**

Foto: divulgação



Sobrado da Fazenda Nossa Senhora da Conceição do Pompéu - Casarão de Joaquina



Marco Aurélio Baggio

IMORTAL por merecimento

Fábio P. Doyle*

A vida e a obra de um menino do Carlos Prates que soube retribuir, com uma carreira de sucesso na Medicina e na Literatura, o apoio da mãe e da avó.

Foto: acervo pessoal



MARCO AURÉLIO Baggio morreu segunda-feira, dia 26 de maio. Fiquei sabendo ao abrir o “Estado de Minas” logo cedo. Foi uma surpresa, um choque, uma tristeza. Eu o admirava há muito tempo, desde que nos conhecemos em um dos encontros felizes que a vida às vezes nos proporciona. Acredito ter sido na Academia Mineira de Letras, no Auditório Vivaldi Moreira, que ele frequentava sempre, pres-

tigiando lançamentos de livros, palestras, conferências, debates, e as reuniões culturais da Universidade Livre da Academia Feminina de Letras. Ficamos amigos. Morávamos na mesma rua, no bairro de Santo Agostinho. E recebia regularmente os livros que ele escrevia e distribuía entre os amigos.

Marco Aurélio Biaggio nasceu no bairro do Carlos Prates, em 1943. Perdeu o pai ainda criança. Foi criado pela mãe e pela avó, com a ajuda dos tios. Foi sempre muito bom aluno dos colégios que frequentou. Buscava, e conseguiu, com o sucesso de sua vida de estudante e, mais tarde, de médico e escritor, retribuir o sacrifício que mãe e avó fizeram para que ele pudesse estudar. Formou-se em Medicina em 1967, com apenas 23 anos. Três anos depois, já era professor de psicopatologia, no Hospital Galba Veloso. Por mais de 35 anos fez parte do Círculo Psicanalítico de

Minas Gerais. Dedicado, estudioso, trabalhador, aprofundou-se no estudo da psicanálise, passando a ser uma referência nacional naquela especialidade.

Outra de suas paixões era a literatura. Ele escrevia todos os dias do ano, nem que fosse um pequeno sueto, um soneto, uma frase. Aprofundou-se na vida e na obra de outro médico-intelectual, João Guimarães Rosa. Ninguém em Minas, certamente no Brasil também, conhecia tão profundamente o trabalho literário do mineiro João Rosa, e todos os fatos relacionados com a vida do menino de Cordisburgo, que se tornou diplomata, embaixador, monstro sagrado da literatura. Baggio era eclético em seus estudos. A psicanálise, acredito, o ajudava a analisar os seres humanos que se escondiam atrás dos romances, dos poemas, dos textos que ele descobria nos jornais e nas revistas literárias e científicas.



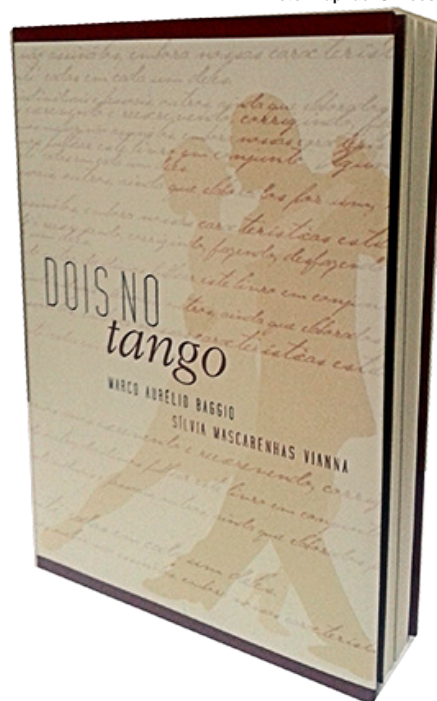
Daí o interesse que seus escritos despertavam, e vão continuar a despertar, no espírito daqueles que buscam conhecer, não apenas na superfície, nos retratos, os grandes vultos do mundo intelectual brasileiro e universal.

Ele fez parte de dezenas de instituições culturais e científicas do país. Era titular da Cadeira 96 da Academia Mineira de Medicina. Da Cadeira 10 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do qual foi presidente, e um dos mais atuantes de sua centenária história. Era membro do Centro de Estudos Filosóficos, Antropológicos e Socioculturais. Da International Society for the Study of Personality Disorders, dos EUA. Do Instituto Mineiro de História da Medicina. Da Academia Brasileira de Médicos Escritores, do Rio de Janeiro. Do Conselho Científico da Federação das Santas Casas e dos Hospitais Filantrópicos. Da Academia de Letras João Guimarães Rosa. Autor de mais de 20 livros, entre eles uma biografia de Juscelino Kubitschek, médico, intelectual, ex-governador de Minas, ex-presidente da República. Outros livros: “O Psiquismo Humano”, “Serhumanologia”, editado em Porto Alegre, “Ensaio Humanísticos”, “Odes”, “69 Etapas Evolutivas”, “Contos & Realidades”, “Causação em Psiquiatria: o Endógeno”, “Um Abreviado Grande Sertão: Veredas”, “Trans-Plante”, “Um Abreviado de Quase Tudo”. Nos últimos tempos, dedicava-se a estudar e analisar o capitalismo globalizado hegemônico, envolvendo pesquisas sobre os aspectos políticos, econômicos e sociais da conjuntura mundial. E ainda lhe sobrava tempo para publicar artigos em jornais, revistas de literatura e de psiquiatria (mais de 160 artigos catalogados), e para apresentar um programa semanal de televisão. Tudo isso lhe valeu o justo reconhecimento público, representado por títulos, medalhas, condecorações, entre eles o título de Honra ao Mérito de Consagração Pública como profissional Destaque do Século XX, outorgado em 2000 pela Companhia Nacional de Eventos.

Registrei tudo o que foi lido no parágrafo anterior para lamentar a falta, naquela longa relação, do título que ele merecia dos intelectuais mineiros, o de imortal da Academia Mineira de Letras. Ficamos a lhe dever uma cadeira na casa de Vivaldi Moreira, que se vivo fosse não o deixaria escapar na busca que sempre realizava de talentos dignos da grandeza de Minas Gerais.

***Jornalista e membro da Academia Mineira de Letras**

Foto: Raphael Simões



Obra póstuma de Marco Aurélio Baggio, “Dois no tango” vem legar para a posteridade seu pensamento e sua verve literária, povoada por estórias e histórias. O livro foi lançado em evento memorável, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, no dia 30 de agosto de 2014, em uma amena manhã de sábado.

Minas perde um expoente:

Um psiquiatra e psicanalista de escol, res-
peitado por seus pares,

Um médico humanista, venerado por seus
pacientes-órfãos

Um literato perpetrado por sua obra,
Imortalizado por sua atuação em quatro aca-
demias, na Arcádia de MG e neste Instituto,
em que ocupou o cargo de presidente.

E, ainda, eternizado por seus memoráveis
discursos...

José Carlos Serufo, médico e escritor

(na reunião em homenagem a Marco A. Baggio no

IHGMG - 30.08.2014)



Pen Clube: a casa dos escritores brasileiros

Rogério Faria Tavares*

Surgido em Londres, por iniciativa da escritora Catherine Amy Dawson, em 5 de outubro de 1921, o Pen Clube Internacional é uma entidade que reúne escritores de todas as partes do planeta. Além de referir-se a um dos principais instrumentos de trabalho dos escritores, PEN, na língua inglesa, é a abreviatura para Poets, Essayists e Novelists, ou seja, poetas, ensaístas e romancistas. Já presidido, entre outros, por Arthur Miller, Alberto Moravia e Mário Vargas Llosa, a entidade está presente em cento e cinquenta e três países.

No Brasil, o Pen Clube foi fundado no dia 2 de abril de 1936 pelo escritor Cláudio de Souza, membro da Academia Brasileira de Letras. Em quase oitenta anos de atividades ininterruptas, já foi presidido por nomes como Barbosa Lima Sobrinho, Celso Kelly, Elmano Carдим e o Embaixador Geraldo Holanda Cavalcanti, hoje presidente da Academia Brasileira de Letras.

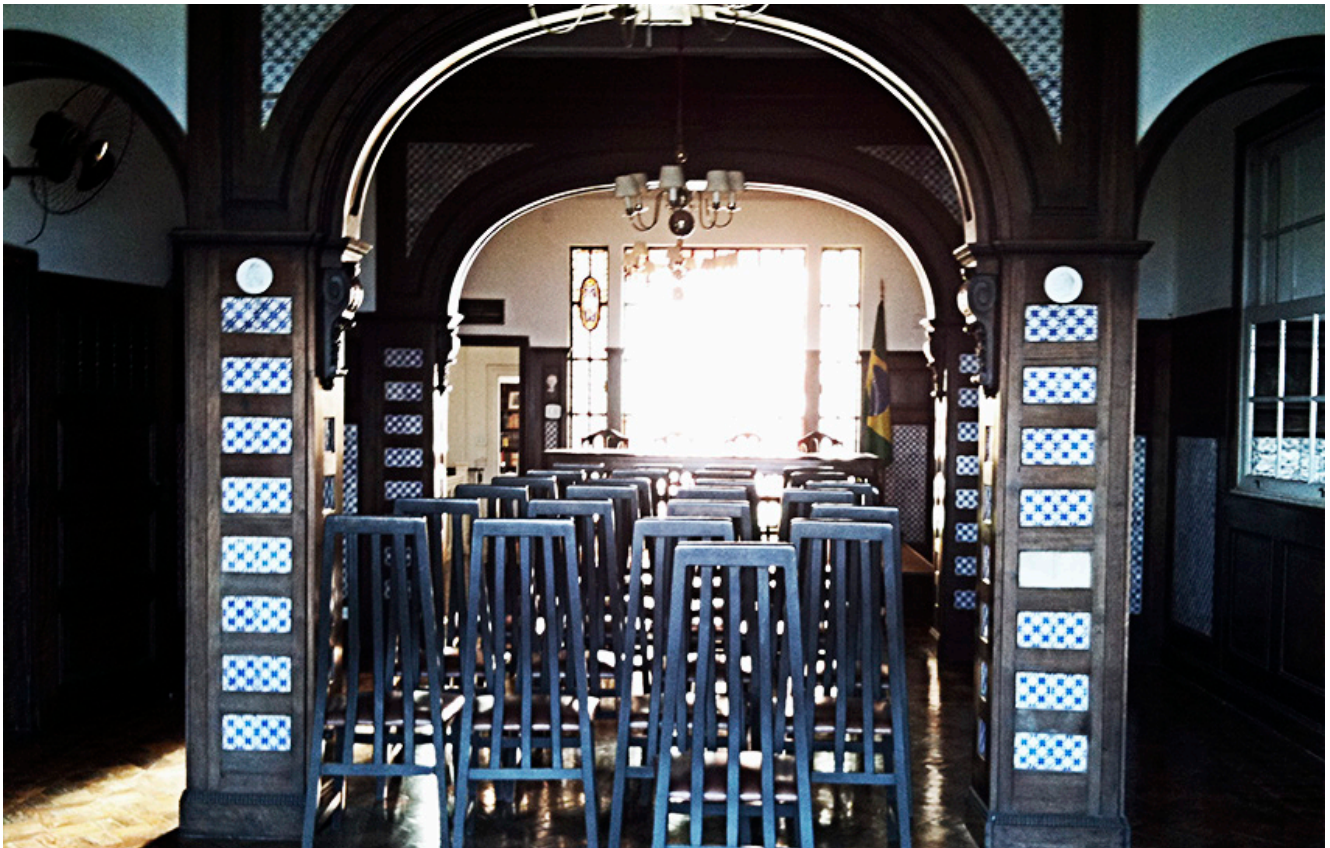
Atualmente, quem preside o Pen no Brasil é o escritor Cláudio Aguiar, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Pernambucana de Letras. Cearense que passou grande parte de sua vida entre o Recife e Salamanca, na Espanha, onde doutorou-se em Direito Internacional, é autor de vasta e qualificada obra literária, que inclui ensaios, romances e peças de teatro. Cláudio nos recebeu para essa entrevista na bela sede do Pen Clube do Brasil, na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Sobre o que anima a entidade, Cláudio Aguiar responde que é a convivência entre pares, a promoção da literatura, da liberdade de pensamento e de expressão. Na história do Pen Clube Internacional, ele sublinha os anos iniciais de sua fundação, na Inglaterra, que corresponderam ao período subsequente à primeira guerra mundial, quando o horror à violência agregou os in-

telectuais daquele período em torno de bandeiras como a paz e os direitos humanos. Essa mobilização mais veemente em favor de tais ideais tornou a ocorrer em meados da década de quarenta, quando teve fim o segundo grande conflito do século vinte. Durante a guerra fria, que dominou as relações geopolíticas entre 1945 e 1989, o Pen Clube se destacou por defender e abrigar escritores perseguidos por sua ideologia, ameaçados de prisão e de morte, criando, inclusive, um fundo internacional destinado a garantir a integridade física e a sobrevivência material desses intelectuais.

Outra causa que motiva as ações do Pen Clube Internacional é a dos Direitos Linguísticos. Consciente da fragilidade de diversos povos e etnias, incapazes de responder, com sucesso, a ataques de ordem militar e política, a entidade começou a organizar uma série de atividades para preservar as lín-





guas em extinção, sobretudo as indígenas, na intenção de garantir a perenidade de suas tradições e de seu acervo cultural. Tal trabalho foi realizado de modo bastante intenso principalmente pelos centros do Pen Clube no Canadá e nos Estados Unidos da América.

Mais um pilar da atuação da entidade é a defesa da condição da mulher escritora que, por muitos anos, não teve o reconhecimento e o respeito merecidos, sendo vítima de discriminação e preconceito. A constatação de tal realidade levou o Pen Clube a criar o Comitê da Mulher Escritora.

No Brasil, a atuação do Pen Clube está alinhada ao que ocorre nos centros da entidade ao redor do mundo. Cláudio Aguiar ressalta, por exemplo, as denúncias da entidade relativas aos casos de violência contra jornalistas brasileiros, que não são poucos.

Quanto aos temas ligados à literatura, Cláudio Aguiar seleciona aqueles que tem merecido as atenções prioritárias dos integrantes do Pen: as normas sobre direitos autorais, a qualidade dos contratos entre escritores e editoras (muitas vezes considerados 'contratos de adesão') e, principalmente, os programas de difusão da

leitura e do livro. Sobre esse assunto, o presidente se declara otimista, citando projetos em curso no âmbito dos ministérios da Educação e da Cultura, desenhados com o propósito de formar leitores.

A respeito de sua gestão à frente da entidade, Cláudio Aguiar comenta que, entre suas principais tarefas, estão, no plano interno, a de firmar o Pen Clube como uma entidade realmente nacional e, no plano externo, a de promover a sua aproximação dos centros do Pen Internacional, espalhados por mais de uma centena de países.

Perguntado sobre o que o impulsiona a atuar à frente do Pen Clube, Cláudio Aguiar alude ao imenso respeito que nutre pelas associações culturais, "porque é em seu âmbito que o escritor pode realmente demonstrar mais que o seu fazer literário".

Finalmente, instado a definir o papel do escritor na sociedade, Cláudio Aguiar conclui: "O escritor é fundamental. Ele leva as pessoas a refletir, a pensar e a encontrar seu lugar no mundo".

***jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**

Galeria de ARTE



www.iarremate.com

Educando com arte

Projeto de educação patrimonial associada a educação fundamental para alunos dos 5º e 6º anos do ensino fundamental. Informações para educadores (31)3553-5182

iNDIC
INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E
INTEGRAÇÃO CULTURAL